

NOTAS PARA A HISTÓRIA EDITORIAL DE *O CAPITAL*¹

Lincoln Secco*

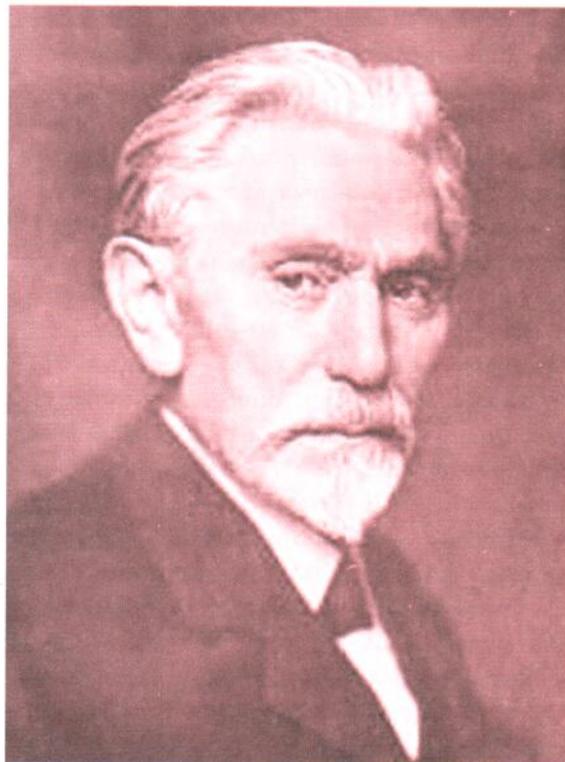
O escritor é um trabalhador produtivo não por produzir idéias, mas enquanto enriquecer o editor que publica suas obras ou enquanto for o trabalhador assalariado de um capitalista.²

Karl Marx

Sabemos, depois das investigações seminais de Antonio Gramsci sobre os mecanismos de circulação das idéias, que o marxismo teórico, assim como qualquer filosofia que aspirou intervir na realidade, precisou se plasmar com o “sincretismo de base” de seus adeptos: o “senso comum”. Ou seja, os comunistas e socialistas em geral não eram ou não foram apenas “marxistas” e suas idéias conviviam com princípios nacionais, religiosos, científicos (ou que se pretendiam científicos), etc. Também o “marxismo” ao qual a maioria dos militantes tinha acesso não possuía o mesmo rigor dos melhores pensadores sociais. Isso é particularmente importante na medida em que o comunismo de Marx e Engels se propôs a ser a consciência teórica de uma prática social revolucionária, o que implicava diminuir (e tendencialmente eliminar) a distância entre teoria e prática, entre dirigentes e dirigidos. Entretanto, o próprio Karl Marx raramente foi o autor “marxista” mais lido entre seus seguidores. Na Alemanha até 1905, as tiragens do *Manifesto comunista* raramente ultrapassavam os 2 mil exemplares, enquanto o *Programa de Erfurt* do partido vendeu 120 mil exemplares.³ As obras de Kautski, na mesma época, tinham tiragens duas vezes maiores que as de Marx e, às vezes, dez vezes maiores, como teremos oportunidade de ver. Isso para não falar do maior sucesso da época: August Bebel, cujo livro *A mulher e o socialismo* teve mais de cinquenta edições.

Estudar a circulação e a “geografia” das idéias permite lançar luz sobre processos de formação de políticas que orientaram os partidos que esposaram as idéias de Karl Marx, bem como sobre a relação entre a cultura marxista e a cultura “burguesa”. Nesse caso, não é tarefa do historiador decidir qual era o “marxismo correto” e qual o “errado”.⁴ Assim, menos do que o conteúdo das idéias marxistas, que

Na época de Karl Marx (1818-1883) o livro e o jornal eram os dois meios principais (quicá únicos) de difusão das idéias.



August Bebel

* Doutorando em história (USP) e pesquisador da Fapesp.

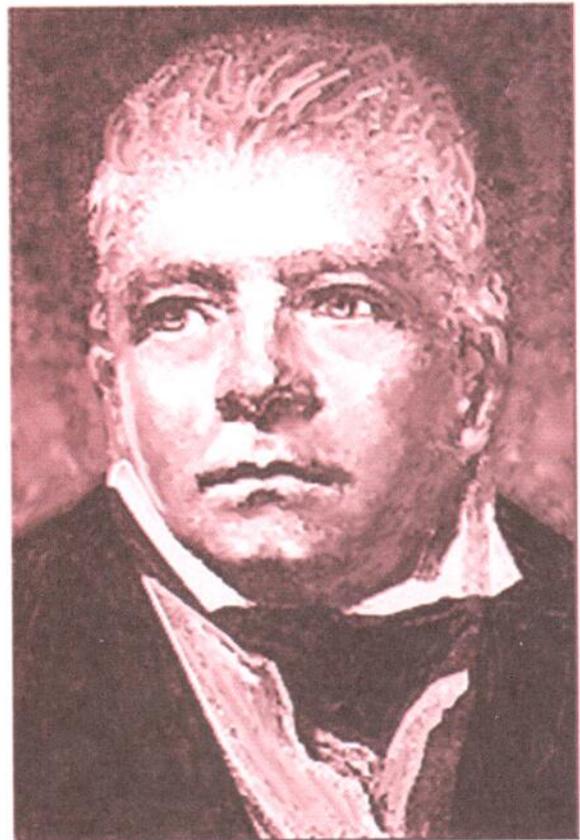
<https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n37.2194>

de resto deve continuar a ser estudado e debatido, o meu objetivo reside em dar atenção às edições das obras de Marx, especialmente *O capital*. As idéias de Marx encontraram difusão na pena de vulgarizadores. Mas eles tiveram que ler o próprio Marx. Um estudo sobre a difusão das suas idéias, por meio dos círculos socialistas de leitura, núcleos de estudos, bibliotecas operárias, foi objeto de uma notável pesquisa.⁵ Aqui, vou-me ater às edições dos textos econômicos de Karl Marx, dando destaque às traduções. É preciso lembrar que o período que medeia a história mais significativa de *O capital*, digamos entre sua publicação e seu primeiro centenário (1867-1967), foi também a época da afirmação mais poderosa do nacionalismo e das línguas cujos nacionalistas pretendiam que eram nacionais. Sabemos que a metade dos franceses não falava francês em 1789 (e um número ainda maior nem sequer lia) ou que apenas 2,5% dos italianos usavam o italiano (a língua toscana) diariamente e para fins práticos na época da unificação do país (1860).⁶

CONDIÇÕES EDITORIAIS

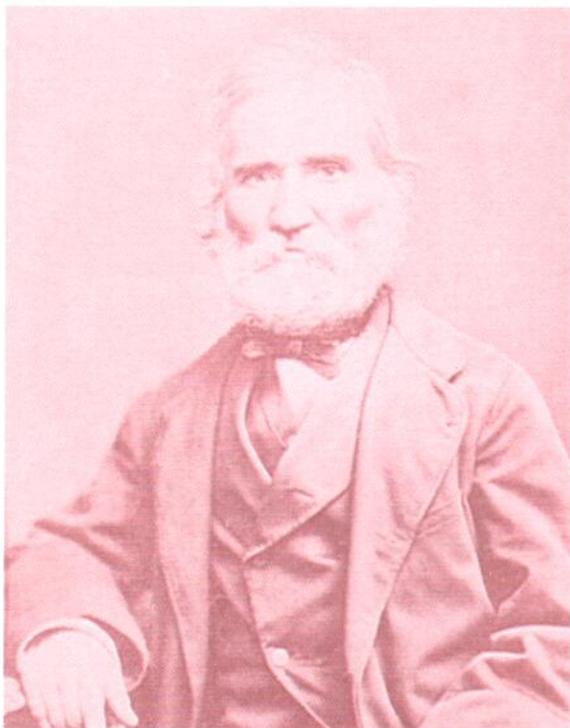
Na época de Karl Marx (1818-1883) o livro e o jornal eram os dois meios principais (quase únicos) de difusão das idéias. Nos primeiros vinte anos do século XIX o livro experimentou uma nova revolução técnica com uma série de invenções que permitiu aumentar as tiragens e a velocidade de impressão. A era das grandes tiragens começava. Walter Scott, Byron e outros autores conheceriam um sucesso que antes fora impossível. Mas os efeitos da grande tiragem se fizeram sentir primeiro na impressão de jornais e só depois de 1840 na edição de livros. Inaugurava-se a era do linotipo. Em um ano (1836) as assinaturas de jornais parisienses passaram de 70 mil a 200 mil.⁷ É sintomático que Marx tenha começado suas atividades radicais como editor de um jornal. Ele iniciou junto com Arnold Ruge na *Gazeta Renana* (8 de agosto de 1842), que tinha, então, 885 assinantes. Em 15 de outubro, Marx tornou-se chefe de redação, e em 10 de novembro o número de assinantes era de 1.820.⁸ Esse incremento deu-se pela qualidade do trabalho de Marx, mas também uma época de maiores tiragens e mais leitores facilitou. De qualquer modo, a publicação fechou, e Marx partiu para Paris e, depois, Bruxelas.

Nessa época, a própria condição das massas operárias passou a ser objeto das editoras de duas



Walter Scott

maneiras: como público e como elemento das próprias obras. O livreiro-impressor muitas vezes interferia no conteúdo das obras. Elegia o formato, as ilustrações e fazia a composição. Trata-se de um momento de transição. A literatura ganhava um público mais amplo. Exemplo significativo foi Eugène Sue, autor que Marx e Engels criticaram na sua obra *A sagrada família*. Os seus *Mistérios de Paris* começaram a ser publicados no *Journal des Débats* em 1842, vendendo mais de 3 mil exemplares. A série era produzida de tal forma que os personagens e as situações eram moldados por pedidos de leitores.⁹ Nesse tempo, os hábitos de leitura, bem como os formatos de livros que acompanharam as alterações nesses hábitos, indicavam uma ampliação do espaço público do livro e do comércio livreiro: coincidentemente, no ano de publicação do *Manifesto comunista*, a firma H. Smith & Son abriu a primeira banca de livros numa estação ferroviária, em Euston, Londres.¹⁰ Venda principalmente *in octavos*, pertinentes para ler em viagens de trem. É certo que nesse caso não me refiro só à classe operária, mas a um público que se apropriava de forma ainda muito tímida da era do



Auguste Blanqui

turismo de massa, que só se desenvolveria efetivamente na segunda metade do século XIX. A partir de 1851 tornaram-se comuns as viagens de um dia para as massas, graças às locomotivas a vapor,¹¹ enquanto burgueses e aristocratas preferiam as longas viagens de verão. De toda maneira, a formação de um público leitor na classe operária parisiense era real e também criava um outro público sensivelmente menor, porém ativo, de militantes e simpatizantes das várias mensagens socialistas que havia no século XIX. Em Paris eles eram Blanqui e seus camaradas, mas também uma quantidade importante de emigrados alemães.

Ainda era comum o livreiro-editor. Falamos de uma época em que nem todo editor possuía uma função exclusiva. A existência de um número crescente de gráficas e editoras e a possibilidade igualmente crescente de que os socialistas, comunistas e anarquistas tivessem acesso tanto à edição quanto ao consumo de livros e jornais também faziam dos ideais igualitários e libertários, bem como das várias teorias que os fundamentavam, uma “força material” potencial, para usar uma expressão do próprio Marx.

Dessas teorias, era o socialismo científico de Marx e Engels que exerceria uma influência maior

e mais duradoura, abarcando até os dias atuais. Não é preciso dizer que para Karl Marx o conceito de práxis ocupa lugar central. E por isso mesmo a produção das idéias só faz sentido se articulada a uma prática social. E que prática consciente seria possível sem os meios materiais para o esclarecimento do proletariado?

Os livros, as editoras, as tipografias e os jornais tornam-se assim, a um só tempo, infra-estrutura e superestrutura: as idéias só existem para o livro e este para aquelas, interagindo e se determinando reciprocamente. Daí a importância de conhecer os formatos das brochuras, panfletos e livros. As tiragens, as traduções, o número e especialmente o local das edições. É essa materialidade sensível do livro (e, em certa medida, do jornal) que confere à teoria a possibilidade de se fazer *práxis*: união de teoria e prática, pensamento e ação. O livro é a base mais imediata, embora nunca a única, das formas de consciência social antes do advento dos modernos meios de informação. Ele se insere num circuito global de reprodução das idéias e também de relações sociais. O conjunto destas, como diz Marx, “forma a estrutura econômica da sociedade, a base real, sobre a qual se eleva um edifício jurídico e político, e à qual correspondem formas determinadas da consciência social”.¹² O circuito percorrido pelo livro, e que vai do escritor e do impressor (ou editor) até o livreiro e o consumidor, faz parte dessa estrutura econômica de maneira bastante especial, à medida que o livro, mais do que outras mercadorias (no século XIX), é um produto cujo valor de uso é portador imediato de elementos que constituem a superestrutura ideológica. Isso o particulariza, embora sua participação no conjunto da produção econômica seja pequena.

A “ECONOMIA” E OUTRAS OBRAS

A unidade de produção, circulação e consumo de idéias não encontrava condições inicialmente adequadas à difusão dos ideais socialistas e comunistas. Exemplo das dificuldades políticas e editoriais deu-se na Bélgica, onde Marx e Engels não encontraram editor para *A ideologia alemã* (1845). Como disse o próprio Marx, no prefácio à *Crítica da economia política*, “o manuscrito, que constava de dois grossos volumes em oitavo, havia chegado há muito ao lugar em que seria editado,



Karl Marx



Friedrich Engels

na Westfália, quando recebemos a notícia de que novas circunstâncias impediam a impressão da obra. Em vista disso, entregamos o manuscrito à crítica roedora dos ratos”.¹³ As condições editoriais (e políticas), portanto, não eram as melhores, mas, coincidência ou não, o manuscrito tinha o formato do livro mais popular na época: *in octavo*, como citei anteriormente.

Depois de 1850, as obras de Marx foram publicadas predominantemente em periódicos da Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos. Alguns dos textos foram depois editados na forma de livros, como foi o caso das *Lutas de classes em França*, que apareceria com um importante prefácio de Engels, o qual acenderia um copioso debate posterior no seio da social-democracia acerca da estratégia revolucionária. *A miséria da filosofia* teve cinco edições até 1896. *O dezoito brumário de Luís Bonaparte* teve igual número até 1898 (aliás, sua primeira edição saiu em Boston, 1852, e a segunda em Hamburgo, 1869).¹⁴ As *Revelações sobre o processo dos comunistas de Colônia*, quatro edições até 1885, mas os 2 mil exemplares da primeira edição alemã foram confiscados. *Herr Vogt* teve uma única edição em 1860, e *Salário, preço e lucro*, apenas duas em 1898 e 1899.¹⁵ Os artigos sobre Lord Palmerston

publicados no *People's Paper* foram reimpressos numa brochura que vendeu bem nas livrarias. E para responder aos ataques de Willich na imprensa alemã de Nova York, Marx escreveu uma brochura satírica (*O cavaleiro da nobre consciência*, 1854). O *Manifesto comunista* teve uma circulação maior e mais importante conforme demonstrou a exaustiva pesquisa de Bert Andréas.¹⁶ Este mesmo *Manifesto* esboçou já nas suas primeiras linhas a área geográfica que suas idéias pretendiam alcançar: na Europa ocidental a Alemanha, a Inglaterra, a França (e, certamente, também Suíça e Bélgica). Um pouco mais ao sul a Itália e no extremo norte a Dinamarca. Nenhum país do Leste, com exceção, talvez, da Polônia, cujas lutas nacionais são citadas (juntamente com a Suíça e a América do Norte) no final do panfleto.

A “economia” de Marx deve ser entendida como o projeto de uma única obra desdobrada em vários livros. Além disso, o que Marx chamava de “economia” é algo muito diferente daquilo que hoje é o objeto de estudo dos economistas.¹⁷ Não só

porque a própria disciplina mudou e a economia política cedeu lugar a uma economia muito mais técnica e formalizada matematicamente, mas também porque Marx tinha por objeto o conjunto das relações sociais e das forças produtivas materiais: o *modo de produção* como uma totalidade. Essa “economia” foi um projeto que Marx escreveu por toda a sua vida. Já em 1844 ele estabeleceu um contrato com o editor Leske, de Darmstadt, para a publicação de uma obra em dois volumes chamada “Crítica da política e da economia política”. O projeto não foi adiante.

Em 1851 Marx procurou novamente uma editora para sua “economia”. O editor procurado por Marx, Löwenthal (Rütten & Löning) declinou do convite para publicar sua obra. No mesmo ano Lassale sugeriu a criação de uma sociedade para editar a obra, mas Marx recusou o auxílio. No ano seguinte nova recusa: o editor Wiegand (Leipzig) temia que a obra fosse confiscada. Em 1859 foi publicada em Berlim, por F. Duncker (que traria dissabores a Marx, como veremos), a primeira parte daquela *economia* de Marx: a *Crítica da economia política*, cujas conclusões fundamentais estão resumidas no início de *O capital*. A obra foi saudada e comentada por Engels nos números 14 e 16 do jornal *Das Volk*, entre 6 e 20 de agosto de 1859, respectivamente. Essa obra era o primeiro texto em que Marx apresentava sua concepção crítica das formulações econômicas anteriores, especialmente de Smith e Ricardo. Teve onze edições em diferentes países até a Primeira Guerra Mundial.

Antes disso, apenas alguns artigos e palestras para operários haviam tangenciado a economia política (veja-se, por exemplo, *Trabalho assalariado e capital*, escrito em 1847 com base nas conferências do autor feitas na Associação dos Operários Alemães de Bruxelas e editado em 1849). Reeditada em diversas ocasiões, reapareceu em 1884 pela Cooperativa Tipográfica Suíça Hottingen-Zurich. Em 1891, Engels modificou e “corrigiu” os conceitos das edições anteriores. Tratava-se de uma nova edição de 10 mil exemplares sob os cuidados do Partido Social-Democrata Alemão. Mas, nessa obra, nem mesmo a diferenciação entre trabalho e força de trabalho está delineada. Os anos 1860 aguardavam, contudo, a publicação daquela que seria a mais importante obra da vida de Karl Marx: *O capital*.

A “PRODUÇÃO” DE *O CAPITAL*

Existe uma *magnum opus* de Karl Marx ou ela seria um livro sempre inacabado escrito durante toda sua vida? Certamente, é possível encontrar razões fortes para as duas convicções. A “economia” passou a ser motivo das preocupações do jovem Marx pelo menos desde 1843. Entretanto, depois que Louis Althusser preferiu encontrar uma ruptura epistemológica entre os escritos de juventude e os da maturidade, datada de *A ideologia alemã* (1845) muita tinta se gastou nessa polêmica.¹⁸ Do ponto de vista teórico parece um tanto óbvio que houve evidentes continuidades quanto rupturas e saltos qualitativos.

O chamado projeto original de *O capital* compunha-se de seis livros:

Plano primitivo (1857)

1. O capital
 - 1.1 O capital em geral
- O processo de produção
- O processo de circulação
- Lucro e juros
- Concorrência
- Crédito
- Capital acionário
- Propriedade da terra
- Trabalho assalariado
- Estado
- Comércio exterior
- Mercado mundial

Entre esse plano original e a redação do definitivo Livro I de *O capital*, Marx redigiu a *Contribuição para a crítica da economia política*, em que começa pela mercadoria e promete continuar no futuro com a análise do capital. Depois redigiu as *Teorias da mais-valia*, publicadas mais tarde por Kautski. Em seguida, escreveu a maior parte dos manuscritos que constituem os três livros de *O capital*. Nessa fase incluiu manuscritos que não foram inseridos na redação definitiva da obra: por exemplo, o famoso “Capítulo VI inédito”, ao qual farei referência depois. Não desejo discutir aqui as implicações teóricas dessas diferentes “redações” da obra de Marx. Interessa aqui muito mais como esses diferentes textos circularam (voltarei a esse tema nos próximos itens). De toda maneira, o plano que Marx refez para *O capital* e que para todos os efeitos consideraremos o definitivo foi o seguinte:

Plano modificado (1865-1866)
O capital (três tomos)

Livro 1: O processo de produção do capital
Mercadoria e dinheiro
Transformação do dinheiro em capital
Mais-valia absoluta e relativa
Salário
Processo de acumulação

Livro 2: Processo de circulação do capital

Livro 3: Processo global da produção capitalista
3.1 Lucro e taxa de lucro
3.2 Capital comercial
3.3. Juros e crédito
3.4 Renda da terra
3.5 *Revenues*

O novo plano incorporava o antigo Livro 3 (trabalho assalariado) como uma seção do Livro 1. Incorporava ainda o antigo Livro 2 como seção do novo Livro 3, além de distribuir temas do antigo Livro 1 pelo novo Livro 3. Embora Roman Rosdolski, que empreendeu um estudo já clássico sobre os *Grundrisse*, tenha deixado uma resposta mais satisfatória, em termos teóricos, sobre qual seria a real intenção de Marx ao refazer o plano da sua obra, deixarei essa questão de lado como não pertinente para o meu propósito.¹⁹

CIRCULAÇÃO

Poucos anos depois do aparecimento da *Contribuição à crítica da economia política*, Marx preocupava-se em encontrar novo editor para sua *economia*, porque tivera dissabores com o editor Duncker: “no que respeita à editora, sob nenhuma condição darei este volume ao sr. Duncker. Ele havia recebido o manuscrito da primeira entrega em dezembro de 1858 e não o fez aparecer senão em julho ou agosto de 1859”.²⁰ Em 1º de maio de 1867 ele escreveu:

Vim para a Alemanha a fim de entregar ao senhor Otto Meissner, de Hamburgo, meu editor, o primeiro volume de minha obra *O capital: crítica da economia política*. É necessário que eu permaneça aqui durante alguns dias para ver se é possível a impressão rápida que o senhor Meissner projetou e para estar seguro de que os revisores têm a suficiente formação para empreender a tarefa.²¹



Eleanor Marx

O Livro I d'*O capital* foi escrito em alemão e publicado em 14 de setembro de 1867 (Hamburgo, Verlag Otto Von Meissner, tiragem de mil exemplares). Circulou também em Nova York, já que Meissner tinha uma distribuidora naquela cidade (L.W. Schmidt, 24 Barclay Street), porém apenas nos círculos de imigrantes alemães. Na edição consta uma dedicatória a Wilhelm Wolf (1809-1864), amigo e colaborador de Marx na *Neue Rheinische Zeitung* (Nova Gazeta Renana) e membro do Comitê Central da antiga Liga dos Comunistas. Havia também um apêndice ao primeiro capítulo (a forma valor), absorvido no texto das edições posteriores. Só em 1871 a primeira edição esgotou-se e o editor ofereceu a Marx 500 táleres (o preço de cada exemplar da primeira edição era pouco mais de três táleres) de direitos autorais para uma segunda edição mais barata a ser publicada em doze volumes pequenos e em 3 mil cópias. O autor só alterou substancialmente o primeiro capítulo. O último volume só saiu em junho de 1873, devido a uma greve de impressores em Leipzig.²² Sempre por Otto Meissner (1819-1902), com quem Marx sempre teve excelentes relações. Até 1905 houve várias reedições e reimpressões. Só em 1890 houve quatro reimpressões. Embora as vendas na Alemanha nunca tenham sido elevadas, elas foram constantes. Os *royalties* para a família de Marx (suas



Laura Marx

duas filhas, Laura e Eleanor foram £130 (2.600 marcos) em 1886; £43 em 1889; £45 em 1890; £38 em 1892.²³

RECEPÇÃO

Mais do que em recepção, eu poderia falar em “propaganda”, porque a “recepção” propriamente dita da obra não foi das melhores. Marx já pressentia a “conspiração de silêncio” que uma obra tão profunda, escrita em alemão e explicitamente contrária a toda a economia política aceita nas universidades, causaria. Um dia antes de o livro ser publicado ele preparou com Paul Lafargue um “plano” para divulgar a obra: distribuição de exemplares para “pessoas-chave”, traduções, impressão de extratos na imprensa operária e, principalmente, resenhas escritas por Engels para a “imprensa burguesa”. De fato, Engels escreveu uma série de artigos anônimos para a chamada “imprensa burguesa” criticando *O capital* de um ponto de vista “burguês”, objetivando quebrar “a conspiração de silêncio” com que os economistas receberam a obra.²⁴ Durante vários anos Marx enviou o livro para várias personalidades, tais como: Taine, Charles Darwin, o geógrafo Elisée Reclus, o economista Karl

Wilhelm Contzen (de Leipzig), o historiador do judaísmo H. Graetz e, muito provavelmente, M. Bakunin. Marx também mandou o livro para seu amigo Ferdinand Freiligrath (1810-1876).²⁵

Em 1867 excertos do prefácio do livro foram publicados em: *Die Zukunft* (O futuro), Berlim, 4 de setembro (diário); *Bee-Hive Newspaper*, Londres, 7 de setembro (semanário editado pela Associação Internacional dos Trabalhadores); *Der Vorbote* (O precursor), Genebra, setembro-outubro²⁶, *Courrier Français*, Paris, 1º de outubro (semanário); *La Liberté*, Bruxelas, 13 de outubro (diário); *Libertà e Giustizia*, Nápoles, 27 de outubro (semanário); *Elberfeld Zeitung*, 2 de novembro (diário); *Düsseldorfer Zeitung*, Düsseldorf, 17 de novembro (diário), *Barmen Zeitung*, 19 de dezembro, *Der Beobachter (Observador)*, Stuttgart, 27 de dezembro (diário). E. Dühring fez uma crítica considerada muito insuficiente por Marx (*Ergänzungsblätter zur Kenntniss der Gegenwart*, Hildburghausen, 1867, v. 3, pp. 182-186, “Suplemento para o Conhecimento do Presente”, publicação mensal).

Sabemos também que a propaganda da obra foi feita oralmente por Wilhelm Liebknecht, citando Marx nos seus discursos parlamentares (Parlamento da Alemanha Setentrional).

No ano seguinte vieram a lume referências em: *Neue Badische Landeszeitung*, Mannheim, 21 de janeiro (*Nova Gazeta de Baden*).²⁷ Poucos foram os comentários críticos e alguns anos se passaram antes que resenhas aparecessem estampadas nos jornais e revistas. A primeira referência veio de Engels. Ele publicou uma resenha em duas partes no jornal operário alemão, o *Demokratisches Wochenblatt (Semanário Democrático)*, números 12 e 13, de 21 e 28, Leipzig, março de 1868.²⁸ Engels e Siebel publicaram resenhas na *Barmen-Zeitung*, nas citadas *Eberfelder Zeitung* e na *Dusseldorf-Zeitung* e também em: *Frankfurt Börsen-Zeitung*. Críticas de Schweitzer²⁹ e de J. Dietzgen (*Democratische Wochenblatt*, publicação citada, números 31 a 36)³⁰ foram publicadas na imprensa social-democrata alemã. Os artigos de Dietzgen foram referidos por Marx no prefácio da segunda edição alemã como tendo sido publicados no *Der Volksstaat* (Estado do Povo). Entretanto, o *Democratische Wochenblatt* só adquiriu esse nome entre 1869 e 1876. Artigos intitulados “Das Werk von Carl [sic] Marx” foram publicados em *Der Social-Demokrat*, Berlim, 22 de janeiro a 6



Wilhelm Liebknecht

de maio de 1868 (semanário); *Börsenhalle für Deutschland*, Hamburgo, 14 de fevereiro de 1868 (diário); *Literarisches Centralblatt für Deutschland*, Leipzig, 4 de julho de 1868 (semanário). Marx citou em suas cartas referências incompletas do mesmo ano sobre notícias da obra em: *Kölnische Zeitung* (diário); *Allgemeine Zeitung*, Augsburg (diário); *Neue Preussische Zeitung*, Berlim (diário); *Vossische Zeitung*, Berlim (diário). Críticas vulgares apareceram em: *Vierteljahr-schrift für Volkswirtschaft und Kulturgeschichte*, volume XX, Berlim, 1868 (trimestral); e por Karl Friedrich Rösler: *Jahrbücher für Nationalökonomie und Statistik*, Jena, 1870.³¹

Na Inglaterra, onde Karl Marx às vezes suscitava alguma simpatia em seus críticos vitorianos, saiu em 1868 uma outra crítica na *Saturday Review of Politics, Literature, Science and Art* (25 de janeiro de 1868), semanário conservador de Londres:

As opiniões do autor podem ser tão perniciosas quanto pensamos que sejam, mas não pode haver dúvida sobre a veracidade de sua lógica, o vigor de sua retórica e o encanto com o qual ele investe sobre os mais acres problemas da economia política.³²

Apareceram resenhas elogiosas na imprensa operária de velhos amigos de Marx como Arnold

Ruge e Feuerbach. O órgão oficial das seções alemãs da Associação Internacional dos Trabalhadores, a revista *Der Vorbote* (O Precursor) afirmou na citada edição de setembro de 1867 que o livro era uma vitória dos operários. Um ano depois a conferência de Bruxelas da Associação Internacional dos Trabalhadores adotou uma resolução que recomendava a todos os operários a leitura do livro.³³ Um ano depois, W. Bracke leu na Assembléia Geral da *Allgemeiner Deutscher Arbeiterverein*, realizada em Hamburgo, a seguinte resolução: “Por sua obra sobre o processo de produção do capital, Karl Marx tornou-se benfeitor eterno da classe operária”. Na Associação Internacional dos Trabalhadores, Marx já era encarado, numa edição do *Jornal dos Tipógrafos* (1871), como uma “autoridade científica” na luta contra a classe dominante.³⁴ Como diria Engels mais tarde no prefácio à edição inglesa, *O capital* já se convertera na “Bíblia da classe operária”.

Das escassas notícias que há acerca dos comentários sobre as traduções, resalto os casos francês, russo e inglês, dada sua importância. A França porque, como veremos em seguida, teve sua edição revisada pelo próprio Marx. A Rússia porque foi o maior “sucesso” editorial de *O capital*. A Inglaterra porque era o país onde Marx vivia.

Após a primeira edição francesa (1872), foi publicada uma resenha por De Reboty em *La Philosophie Positive. Revue*, número 3, novembro-dezembro de 1868. Uma resenha negativa foi impressa na *Revue des Deux Mondes*, por Émile Laveleye.³⁵ M. Block elogiou a obra em *Les théoriciens du socialisme en Allemagne. Extrait du Journal des Économistes*, julho a outubro de 1872.

Na Rússia *O capital* foi comentado antes mesmo de ser editado em russo: Nicolai Ivanovitch Sieber, catedrático de economia política da Universidade de Kiev, comentou a teoria do valor de Marx no livro *Teoria do valor e do capital de David Ricardo em relação com posteriores complementos e esclarecimentos*, Kiev, 1871. O tradutor de *O capital*, Danielson, informou a Marx que muitos jornais e revistas comentaram positivamente a obra. Depois dessa tradução russa de *O capital*, saiu no *Sankt-Petersburgskye Vedomosti*, 20 de abril de 1872, um artigo elogioso atribuído ao mesmo Sieber. Em maio de 1872 surgiu no *Vestnik Evropy* (*Mensageiro Europeu*) uma crítica de Illarion Ignatzyevich Kaufmann, professor da Universidade de São

Petersburgo. Esse artigo foi citado por Marx no posfácio da segunda edição alemã. Em 1877 o artigo "Karl Marx e seu livro sobre o capital" de Julius G. Zhukovski parece ter sido publicado.³⁶ Muitos anos depois, quando a obra foi publicada em inglês (1886), ela foi comentada na *Saturday Review*. Um artigo de Engels para a *Fortnightly Review* foi recusado por parecer "árido demais". William Smart escreveu sua resenha sobre *O capital* em 1887, afirmando que a obra continha "muita coisa de valor muito grande, tanto para o historiador como para o economista".³⁷ Mas, no geral, esses exemplos isolados apenas revelam a regra geral: a obra foi recebida com uma "conspiração de silêncio" pelos círculos burgueses que dominavam a imprensa.

PRIMEIRA CONJUNTURA: A DIFUSÃO

As primeiras edições de traduções de *O capital* circunscreveram-se à Europa. Se considerarmos os resumos, *O capital* foi editado entre 1872 e 1898, prioritariamente na Europa ocidental: na Holanda, França, Inglaterra. No sul da Europa: Itália. Na Europa Oriental: Polônia, Sérvia e Rússia. Na América: Estados Unidos e Argentina. Um parêntese deve ser aberto para a edição russa. A influência das idéias de Marx na Rússia pode ser atestada pela precocidade das organizações que se reivindicaram adeptas do socialismo científico, pelas correspondências do autor de *O capital* com vários pensadores socialistas russos e pelo notável interesse que ele e Engels tinham por tudo isso, levando-os a aprender a língua russa. Lembremos que a tradução russa do *Manifesto comunista* teve até a Revolução de Outubro de 1917 setenta edições.³⁸ Desse modo, a primeira edição de *O capital*, feita por Hermann Lopatine, N. Ljubavina e N. Danielson, um bancário que dedicava suas horas noturnas à tradução, apareceu em 27 de março de 1872 (São Petersburgo, N. P. Poliakova), sendo depois resenhada no *Jornal de São Petersburgo*. A tradução foi considerada magistral por Marx, tanto que, ao receber um belo exemplar encadernado, solicitou outro para o Museu Britânico.³⁹ A tiragem foi de 3 mil exemplares, mas já em 25 de maio haviam sido vendidos mil livros. Fato cômico foi a justificativa da censura czarista para liberar a obra:

Ainda que o autor seja socialista 100% e que todo o livro apresente um caráter socialista claramente

marcado; não obstante, levando em conta o fato de que a obra não pode ser qualificada como acessível a um grande público, e que por outra parte possui a forma de uma demonstração científica de caráter estritamente matemático, a comissão declara que não há motivo para remeter a obra aos tribunais.⁴⁰

A tradução francesa transitou por várias mãos até que o próprio Marx a retomasse. Elie Reclus (irmão do famoso geógrafo anarquista Elisée) começou a traduzir a obra juntamente com Moses Hess, antigo companheiro de Marx na Liga dos Comunistas. Depois de sua desistência, o trabalho foi assumido por Joseph Roy, tradutor das obras de Feuerbach. Essa edição francesa de *O capital* teve 10 mil exemplares e foi "entièrement révisée par l'auteur", como se lê sob o título, pois Marx, embora achasse o tradutor muito bom, considerava que a tradução era literal demais, vendo-se, por isso, obrigado a refazer passagens inteiras em "bom francês". O editor de Marx era Maurice La Châtre, exilado na Suíça, que lhe propôs editar a obra em volumes separados e também com uma fotografia. Entretanto, o autor teve que custeá-la. Em carta a La Châtre (prefácio da edição francesa), Karl Marx observou: "Aplaudo a idéia de publicar a tradução de *O capital* em fascículos. Dessa forma, a obra será mais acessível à classe operária e, para mim, isso é mais importante do que todo o resto".

A segunda edição alemã veio a lume em 1873. Dez anos depois apareceu a terceira edição alemã. A esta seguiu-se a quarta edição (1890). Antes, porém, saíram a edição polonesa (1884),⁴¹ a dinamarquesa (1885), a italiana (1886), a espanhola (1886), feita a partir da tradução francesa, a inglesa (1887) e a holandesa (1894). Nesse período, a exceção mais notável das traduções de *O capital* foi a Argentina (1898, tradução por Juan B. Justo). Mas a obra foi impressa na Espanha e teve pouca repercussão.

Versões resumidas para operários também apareceram em fins do decênio de 1870 em sérvio e inglês (publicada nos Estados Unidos). A edição italiana, feita por Carlo Cafiero, foi autorizada por Marx e publicada em 1879. No ano seguinte, ele autorizou o anarquista Domela Nieuwenhuis a publicar um resumo popular em holandês.⁴² A obra saiu em 1881 (Ferdinand Domela Nieuwenhuis. Karl Marx. Kapital en Arbeid, s'Gravenhage, 1881). Na mesma época ele colaborou com Johannes Most numa edição resumida em alemão. No ano da morte

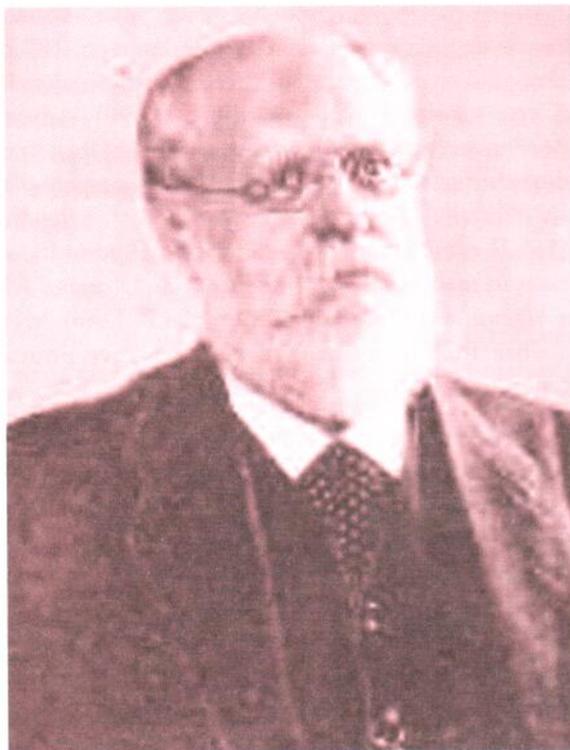
de Marx foi editado o resumo francês (Gabriel Deville. *Le capital de Karl Marx, résumé et accompagné d'un aperçu sur le socialisme scientifique*, Paris, 1883). Simultaneamente foi editado *Marx's Theory of Value*, artigo de Eleanor Marx. Em 1885 Henry Mayers Hyndman, sob o pseudônimo de John Broadhouse, traduziu alguns capítulos de *O capital* (*To-Day*, a London Socialist Monthly), motivando uma resposta de Engels: "How Marx should not be translated", *The Commonwealth*, novembro de 1885.⁴³ Em 1887 Karl Kautski publicou em Stuttgart seu *Karl Marx's Ökonomische Lehren*, mais conhecido nos países de língua latina como *As doutrinas econômicas de Karl Marx*. Este pequeno livro, aprovado por Engels, teve, à sua época, uma circulação mais ampla do que *O capital*: 25 edições em 18 idiomas! Em 1892 saiu em Londres o livro do gênero de Marx: Eduard Aveling, *The Student's Marx. An Introduction to the Study of Karl Marx's Capital*.

O Livro II, assim como o Livro III, foram dedicados à mulher de Marx, Jenny von Westphalen. Engels encarregou-se da preparação dos originais, além de ser autor, *ipsis litteris*, do capítulo IV do Livro III. Engels sacrificou seus próprios trabalhos

intelectuais para cuidar da publicação dos demais tomos de *O capital*. Marx queria dedicar o Livro II a Charles Darwin, mas este recusou devido aos "sentimentos religiosos de sua família".⁴⁴ Dedicou-o, assim como o tomo seguinte, à sua esposa. Foi publicado em 1885, sendo reeditado em 1893. Um ano depois foi editado o Livro III (1894). Esse tomo suscitou a publicação de alguns artigos e livros críticos ou de desenvolvimento da obra de Marx.

Um primeiro trabalho de fôlego sobre *O capital* foi o de Conrad Schmidt em seu livro *A taxa média de lucro com base na lei do valor de Marx*, publicado em Stuttgart em 1889. Críticas de P. Fireman, Loria e Julius Wolf apareceram depois. Também George B. Stiebeling lançou um livro em Nova York intitulado *A lei do valor e a taxa de lucro*, focalizando o problema da transformação dos valores em preços de produção em Marx. Mais tarde (1895), Schmidt e Sombart fizeram excelentes resenhas acerca do tomo III volume de *O capital*. Em 1898 Böhm-Bawerk criticou a teoria do valor.⁴⁵

A partir de então, *O capital* seria discutido no mundo inteiro, tanto dentro quanto fora dos círculos marxistas. A edição francesa dos três tomos iniciou-



Karl Kautski



Werner Sombart

se em 1900 (tradução de Julian Borchardt e Hippolyte Vanderrydt, Paris, V. Giard & E. Brière, Bibliothèque Socialiste Internationale). A edição inglesa dos três tomos foi feita em 1908 (tradução de Samuel Moore e Eduard Aveling, London, Sonnenschein & co. Ltda). A referência mais importante entre os socialistas da maior parte do mundo continuava a ser, entretanto, a língua francesa, por isso *O capital* teve maior acolhida a partir dos anos 1920 na tradução de J. Molitor (Paris, Costes, 1924-1926). Antes, *O capital* chegaria mesmo ao Extremo Oriente. Um resumo da obra seria publicado no Japão em 1907.

Depois da morte de Engels (1895), Karl Kautski publicou as *Teorias da mais-valia* (Stuttgart, J.H.W., Dietz Nachf, 1905, 1910), parte histórico-crítica dos manuscritos diversos que Marx abandonou. As *Teorias da mais-valia* foram publicadas, com erros e omissões, no período de 1905-1910, na Alemanha. Em 1954-1961 saiu a edição russa, expurgada de erros. Em 1956-1962 publicou-se a edição alemã corrigida, pela Dietz Verlag.⁴⁶ Uma nova e mais completa edição só veio a lume em 1977-1982, além de outros textos.⁴⁷

Pode-se notar que *O capital* só circulou mais amplamente nas suas versões resumidas ou limitado ao primeiro volume. Ora, o debate econômico mais importante do final do século XIX nos círculos marxistas envolvia a questão das crises e dos mercados. Ela era discutida à luz dos esquemas de reprodução ampliada do capital, inscritos no Livro II da obra de Marx. Essa discussão ficou praticamente restrita aos marxistas alemães e russos. Lênin, Tugán-Baranovski, Rosa Luxemburgo e, um pouco mais tarde, Parvus, Van Gelderen e Hilferding escreviam e liam em russo e/ou alemão.⁴⁸ E não por acaso, porque o Livro II era muito pouco conhecido antes das edições francesa e norte-americana, que o popularizaram em duas línguas de maior alcance. Até 1899, *O capital* tinha sido editado 26 vezes em 18 línguas. Mas o Livro II só tinha sido editado quatro vezes e o Livro III uma vez! O Livro II volume só havia sido editado em russo e duas vezes em alemão (com o acréscimo um tanto marginal do dinamarquês, em 1887, por razões objetivas, como se verá daqui a pouco). Mas depois do limiar do novo século XX, a obra encontraria outros veículos “lingüísticos” e políticos, como veremos a seguir, embora as edições “completas”, englobando os três tomos, tenham sido

raras até o início dos anos 1930 (em italiano, por exemplo, só houve uma edição do Livro II depois da Segunda Guerra Mundial e uma edição completa depois de 1952).

“GEOGRAFIA”

A geografia da difusão das obras de Marx revela que seu entendimento ainda é bastante limitado, simplesmente porque nem sequer houve tempo e preparo para sua absorção. A “teoria” iniciada por Karl Marx e ainda em desenvolvimento pode ser estudada em seu âmago, mas sua força social precisa ser lida em outra temporalidade, a das quatro épocas ou conjunturas (época de Marx, Segunda Internacional, Terceira Internacional, Guerra Fria ou policentrismo). Uma história de longa duração exigiria ainda um volume de informações e pesquisas sobre a maioria dos partidos socialistas e comunistas do mundo. Tarefa inviável ainda hoje, apesar das inúmeras “histórias” já escritas e dos dados estatísticos que elas trazem.

O “marxismo” da primeira conjuntura ficou restrito à Europa Ocidental (mas não ao sul ou extremo norte do Velho Mundo) e a uma extensão singular: Rússia. Seu centro irradiador era a Inglaterra e a Alemanha (um pouco a Suíça). Mesmo as publicações operárias dos Estados Unidos (especialmente Boston e Nova York), para as quais Marx e Engels escreviam, eram animadas por alemães e editadas em alemão. Se observarmos os locais em que foram editados os principais textos de Marx durante sua vida (excetuando-se o *Manifesto comunista*, de circulação mais ampla), veremos que eles vieram a lume preferencialmente em cidades alemãs (Bale, Leipzig). Às vezes a edição alemã era preparada em lugares tão diversos como Boston, Londres, Paris ou Zurique. Em seguida, os textos foram editados especialmente em Londres e Genebra, onde até edições em russo foram preparadas. Nota-se que os países nórdicos e todo o sul da Europa ficaram praticamente fora dessa área de abrangência dos livros de Marx (a primeira edição italiana do *Manifesto comunista* foi prefaciada por Engels só em 1891, embora uma edição resumida de *O capital*, como vimos, já circulasse em italiano muito antes).

No norte da Europa, a Suécia e a Noruega (então ainda compunham um só país) ficaram para trás da Dinamarca, que teve uma edição de *O capital*



Eduard Bernstein

bem mais cedo. Em finlandês, a obra só seria editada em 1913.⁴⁹ Mas a Dinamarca não era um caso esdrúxulo. No último decênio do século XIX os socialistas dinamarqueses e o movimento sindical travaram a mais cruenta guerra de classes da história da Segunda Internacional, ao menos até o *lockout* de 1898.

Eram duas as razões dessa “geografia” das edições de *O capital* no sul e norte europeus e na Rússia. No sul da Europa e na América Latina, o marxismo concorria com o anarquismo (em suas várias formas). Menos por razões teóricas e mais por disputa política, os anarquistas pouco se interessavam pelas formas parlamentares de fazer política e pelas eleições às quais os socialistas davam tanta atenção. Por conseguinte, era menor o público militante disposto a ler os livros que aparentemente fundamentavam a estratégia declarada daqueles partidos. E o marxismo era a ideologia dos partidos socialistas. Ainda assim, *O capital* teve alguma acolhida no sul, onde o predomínio anarquista era contrariado por um partido socialista (como na Itália). Mas demoraria a circular na Espanha (a edição de 1886 era incompleta) e em Portugal, onde resumos de *O capital* foram editados só em 1912 a partir de edições francesas: *O capital (resumo de*

Gabriel Deville), tradução de Albano de Moraes, Lisboa, Typographia de Francisco Luiz Gonçalves, 1912; *O capital*, tradução de Emília Araújo Pereira, Lisboa, Guimarães, 1912, 246 páginas. Ao norte da Europa, onde o anarquismo tinha alguma incidência (na Suécia, ao menos até a greve geral de 1909) e na Ucrânia, terra de Nestor Makhno, *O capital* não teve nenhuma edição antes da Revolução Russa. Na América Latina (com exceção da Argentina), o anarquismo predominou e o marxismo só chegaria a partir dos anos 1920, com a fundação dos partidos comunistas.

A segunda razão dessa “geografia” reside no sucesso editorial relativo obtido na Rússia. As idéias de Marx tinham lá a oposição dos chamados “populistas”. Nesse caso, e ao contrário do anarquismo, tratava-se de uma corrente teórica, com alguma ressonância prática, mas muito distante das organizações políticas de massas (aliás inexistentes na Rússia). Aqui, o marxismo podia predominar por razões eminentemente teóricas. E foi isso que aconteceu.

À ÉPOCA DA SOCIAL- DEMOCRACIA ALEMÃ

Só na época da Segunda Internacional (fundada em 1889)⁵⁰ pode-se observar uma maior difusão na Europa Oriental (Polônia, especialmente) e nos Estados Unidos. A primeira edição norte-americana foi feita em Chicago (1906) graças à decisiva atividade editorial de esquerda do editor Charles H. Kerr e revisada por Ernest Untermann com base na quarta edição alemã.⁵¹ Este mesmo Ernest Untermann publicaria em seguida um comentário aos três tomos de *O capital: (Marxian Economics: a Popular Introduction to three Volumes of Marx's Capital*, Chicago, Charles H. Kerr, 1907. Reeditado ainda em 1927, 252 páginas). Mas no período da Segunda Internacional só as áreas mais próximas da Alemanha conheceram maiores edições das obras marxistas. A tradução polonesa do livro primeiro de *O capital* já havia saído do prelo a partir de 1884, conforme vimos. Porém, foi publicada em Leipzig. Com exceção do búlgaro, *O capital* não foi traduzido em nenhuma outra língua do sul da Europa Oriental nos primeiros anos do novo século.⁵² Mas a Bulgária desfrutava de uma situação ímpar, porque desde 1903, quando seu Partido Social-Democrata cindiu-se em

dois, surgiu um Partido Socialista Revolucionário que, mais tarde, aderiu às 21 condições da Terceira Internacional e mudou o nome para Partido Comunista.⁵³ A primeira edição búlgara de *O capital* é de 1910, mesmo ano em que se iniciou uma tradução para o estoniano (1910-1914), porém, a Estônia está muito além, ao norte. Além disso, essas traduções eram como vaga-lumes na noite e, excetuando-se o tcheco (1913-1915), nenhuma outra edição no Leste Europeu foi registrada antes da Revolução Russa (1917). Poder-se-ia citar o caso da edição iídiche (1917), língua falada particularmente na Europa Oriental e cuja base é o alto alemão do século XIV, mas restrita aos judeus. O Partido Social-Democrata Alemão persistiu numa posição de “vanguarda” como centro difusor do marxismo.

Essa posição de vanguarda do socialismo alemão nas edições marxistas, além do fato de o alemão ser a língua original da maioria dos textos de Marx, residia em dois fatores coligados: o tamanho, a estrutura e o poder político, financeiro e eleitoral do partido facilitavam as edições, especialmente depois que a Dietz foi adquirida por este. Nesse caso, a mediação editorial criou um novo público, lançando brochuras e livros de formato popular. Em segundo lugar, os teóricos do partido gozavam da preeminência teórica no conjunto do socialismo europeu. As edições alemãs eram consideradas *standard* devido ao prestígio dos comentadores e preparadores dos textos. Alguns desses originais só eram conhecidos por pensadores como E. Bernstein e Karl Kautski. Ora, Kautski era o principal divulgador daquilo que era entendido e aceito como a ortodoxia marxista. Ele não só editou o chamado Livro IV de *O capital*, aqui já referido como *Teorias da mais-valia* (e conhecido nas traduções francesa e italiana como “História crítica das doutrinas econômicas”), como também preparou uma edição popular (*Volksausgabe*) de *Das Kapital* (Berlim, Dietz, 1914, 768 páginas). Essa edição foi feita com modificações baseadas nas cartas de Marx e incluiu notas e um índice de obras e nomes citados. Em alemão, *O capital* persistiu em posição de vanguarda até o fim dos anos 1920. Até 1921 *O capital* teve nove edições e até 1928 a forma popular teve oito edições. Em 1931 a obra foi novamente publicada em alemão aos cuidados de Karl Korsch (Berlim, Kiepenheuer, 768 páginas).

A América Latina e o Oriente (salvo exceções), e até certo ponto o extremo norte (exceto a Dinamarca) e o sul da Europa (exceto a Itália), só passaram a fazer parte dessa “geografia de idéias” na terceira conjuntura (Terceira Internacional: 1919-1943), quando a social-democracia declinou em sua incidência sobre a publicação de textos marxistas e cedeu a primazia para a União Soviética (e para as seções da Terceira Internacional, a saber: os partidos comunistas). Uma vez mais a Argentina, na América Latina, e o Japão, no Extremo Oriente, eram as exceções, como já vimos (na Argentina o primeiro volume foi traduzido em 1898 e no Japão um resumo saiu em 1907). O sul da Europa só conheceu resumos: na Itália, depois do aludido resumo de Carlo Cafiero (1879) e da publicação (de segunda mão) já referida do Livro I em 1886, saiu outra edição condensada em 1902 (traduzido por Ettore Fabietti, Firenze, Nerbini. Reeditado em 1909, 445 páginas). Em 1915 outra edição (Milano, Società Editrice Avanti, 825 páginas). Os italianos ainda conheceriam os textos econômicos de Marx e Engels, associados aos de Lassalle numa edição das *opere*, por Remo Sandron, em Milão, com o Livro I de *O capital*. A primeira tradução italiana de *O capital* foi reeditada em 1916 (e, depois, em 1924). Também nessa época foi reeditada a edição argentina (1918). Mas essas iniciativas, anteriores em sua maioria à Revolução Russa, foram eclipsadas pela vaga editorial que viria a seguir, agora baseada no poder soviético. Nesse caso, pela primeira vez o marxismo se “mundializou”, alcançando o Oriente.

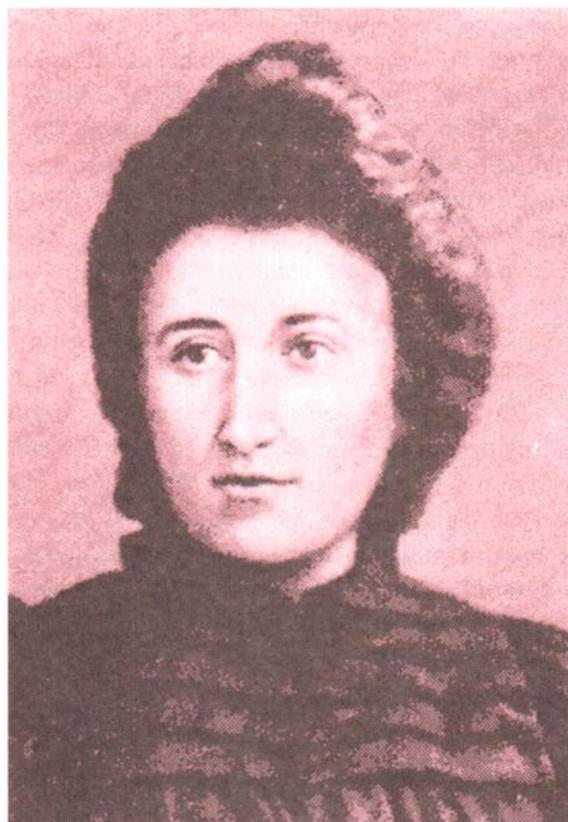
DEPOIS DE 1917

A maior influência da obra de Marx só chegaria ao Extremo Oriente em 1918, quando surgiu na Universidade de Pequim uma sociedade de pesquisas marxistas promovendo discussões sobre *O capital* (provavelmente lido em francês; *O Manifesto comunista* já havia sido traduzido em versão resumida em 1906). Entretanto, e não por acaso, foi o Japão (o país mais desenvolvido da região) um *locus* de vanguarda teórica. Entre 1920 e 1924 saíram do prelo os três volumes de *O capital* em japonês.⁵⁴

A Rússia soviética foi a base da maior expansão do marxismo na história. A partir de 1920, os países que fizeram (ou passariam a fazer) parte da União Soviética conheceram várias traduções de *O capital*.

Atribui-se isso ao apoio de editoras vinculadas à Internacional Comunista ou aos partidos comunistas locais. Estes eram agremiações ideológicas centralizadas e que davam grande importância à formação política de seus membros. Mais do que a social-democracia anterior, o comunismo histórico exigia de seus adeptos o estudo, na medida do possível, dos autores clássicos do marxismo (Marx, Engels, Lênin, Plekhánov, Trótski e Bukhárin), além dos líderes nacionais comunistas (Dimitrov na Bulgária, Thorez na França, Prestes no Brasil, Togliatti na Itália, etc.). Deixo de lado o problema de como esses autores eram lidos (e em que medida eram compreendidos). E, certamente, aquela lista de clássicos mudava de tempos em tempos. Trótski e Bukhárin desapareceram dela nos anos 1930, cedendo lugar a Stálin. Rosa Luxemburgo seria mais editada a partir da emergência da Alemanha Oriental, no pós-Segunda Guerra Mundial. Trótski encontrou editores nos círculos limitados das “oposições de esquerda” e, um pouco depois, da Quarta Internacional. Bukhárin, sem “seguidores”, só começou a ser reeditado nos anos 1970 e 1980.

Essa peculiaridade do movimento comunista, além de diferenciá-lo bastante da social-democracia, serviu para desprestigiar também todos os teóricos socialistas anteriores (os marxistas que não aderiram à Internacional Comunista). A social-democracia, envolvida cada vez mais em atividades parlamentares ou executivas legais, distanciava-se da educação teórica de suas bases. Os partidos comunistas, por sua vez, funcionavam como máquinas de edição de livros, dando a base material imediata para a difusão do marxismo. Entre 1920 e a Segunda Guerra Mundial, *O capital* foi traduzido para as línguas periféricas da Europa e do Oriente, cujos movimentos de “libertação nacional” começavam a se desenvolver. Os comunistas, muitas vezes pouco mais do que algumas centenas de militantes em casos extremos, escolheram muitos desses movimentos para atuar em conjunto ou no seu interior, a fim de fazer seu proselitismo político (o caso da África do Sul, onde os comunistas se integrariam mais tarde ao Congresso Nacional Africano, é paradigmático, embora sua luta fosse primordialmente contra o racismo).⁵⁵ Contavam, para isso, também com a divulgação do marxismo. Neste ínterim, *O capital* foi traduzido primeiramente nas áreas de imediato controle soviético, como Ucrânia (1925), ou nas que seriam depois anexadas,



Rosa Luxemburgo

por exemplo a Letônia (primeira edição em 1920), ou nas que simplesmente estavam nas suas proximidades espaciais e políticas. A Hungria, cuja revolução socialista ocorrida em 1919 fora sufocada, publicou a obra dois anos depois. Na Iugoslávia, que futuramente comporia o bloco socialista e que já contava com um importante partido comunista, o livro foi traduzido em 1933-1934 (lembro novamente que um resumo em sérvio já circulava no fim do século XIX).

Durante a hegemonia soviética inúmeras obras inéditas de Marx e Engels começaram a circular. Embora um texto da importância da *Dialética da natureza* de Engels (deixado aos cuidados de E. Bernstein) aparecesse relativamente mais cedo (1925), foi especialmente nos anos 1930 que textos da importância dos *Manuscritos de Paris*, *A ideologia alemã* (publicados em 1932) e, um pouco mais tarde, os chamados *Grundrisse* foram editados (voltarei a fazer referência às edições desse escrito). A *Mega*, iniciada em 1927, só foi editada em doze volumes até 1935, quando foi suspensa e seu organizador, Riazanov, afastado (desapareceu no período de maior perseguição política na União Soviética dos



Nicolai Bukhárin

anos 1930). Diversos foram os editores e várias as cidades (Frankfurt, Viena, Berlim e Moscou). No que tange à *economia* de Marx, o texto mais significativo editado em 1933 foi o chamado *Capítulo VI inédito*, ao qual já me referi. O original alemão acompanhou-se da tradução russa.

Quanto aos países periféricos, os nórdicos e as penínsulas do sul da Europa parecem ter seguido o mesmo influxo a partir do centro da revolução mundial (a União Soviética) e graças aos seus partidos comunistas. A exceção, uma vez mais, foi a Itália. Apesar de tudo, seus dirigentes socialistas e comunistas já gozavam de uma tradição de estudos marxistas importante. Entre 1927 e 1939, *O capital* estacionou em suas edições no centro da Europa. Na Itália e na Alemanha a obra foi proibida. Só na França a Editora Costes continuou a publicação. Apesar disso, o raio de expansão das traduções aumentou, com as primeiras publicações completas no sul da Europa a partir da Grécia em 1927. A Espanha teve edições de *O capital* em 1931 (tradução de M. Pedroso, Madri, Aguillar, 1.611 páginas) e

em 1935 (Editora Cenit, três tomos). E a partir dos anos 1930, a obra ganhava ainda maior área de difusão. Do norte da Europa (Noruega em 1930-1931) até o Extremo Oriente (a edição chinesa saiu em 1930-1933 e a árabe em 1939) e à América Latina, na forma de excertos ou resumos. No Brasil, entre 1932 e 1964 foram editados 29 livros contendo textos econômicos de Marx. *O capital*, em edições resumidas de Paul Lafargue, Gabriel Deville e Carlo Cafiero ou condensadas ou ainda em trechos (em geral a *Gênese do capital*), foi editado quinze vezes.⁵⁶

□ MARXISMO DE VÁRIOS CENTROS

Depois da Segunda Guerra Mundial, *O capital* sofreu o fenômeno da dispersão. Multiplicaram-se as traduções, reedições, novas edições e seu périplo se tornou difícil de acompanhar. Duas razões justificam essa dispersão e ampliação (deixarei para depois uma terceira, de peso bem menor, que foi a maior aceitação da obra nos meios acadêmicos). A primeira delas foi o aumento do poder e influência da União Soviética. Antes da Segunda Guerra Mundial ela era (juntamente com os partidos comunistas) o grande centro editorial de *O capital*. Mesmo quando não eram editoras comunistas oficiais ou oficiosas as responsáveis pelas edições, os tradutores ou os editores tinham simpatia pelo comunismo ou respondiam a uma demanda que estava preferencialmente nos partidos comunistas, já que o marxismo estava (salvo exceções) ainda virtualmente afastado das universidades. Esse papel da União Soviética ampliou-se na medida em que se constituiu um bloco socialista cuja ideologia oficial era o marxismo. Alguns países tinham em suas universidades cursos regulares de marxismo. E a maioria possuía institutos de marxismo-leninismo (sob variados nomes) anexos aos comitês centrais dos partidos.

Assim, *O capital* foi traduzido primeiramente nas línguas dos povos da União Soviética, começando pelas repúblicas situadas a noroeste da Rússia (já havia tradução na parte oeste e noroeste, em estoniano, letão e ucraniano, conforme já citei; a edição em lituano foi bem tardia: em 1957). Em 1947 houve a publicação em bielo-russo. Também uma edição circulou na Sibéria ocidental, ao norte, no idioma úgrico (1958). Antes, porém, em 1954,

O capital circulou no extremo sudoeste: em armênio e georgiano, o idioma oficial da Geórgia. Desde então, houve interesse do poder soviético em difundir *O capital* nas suas regiões muçulmanas, sobretudo a leste do mar Cáspio. O livro foi traduzido ao uzbeque (1955), azerbaijano (1956), turcomeno (1962) e casaque (1963). E também nos idiomas falados nos países socialistas (ou em parte deles, quando eram multinacionais), como romeno (1947), macedônio (1953), eslovaco (1955), coreano (1955-1956), vietnamita (1961-1962), esloveno (1961), além de uma nova tradução espanhola feita em Cuba (1962).⁵⁷

Fora dos países socialistas, as edições foram limitadas aos países do chamado Terceiro Mundo, pois o livro já havia sido traduzido muito antes nas línguas dos países desenvolvidos, à exceção do hebraico, cuja primeira tradução foi feita em 1947. Um ano antes foi publicada a edição mexicana de 1946, Fondo de Cultura Económica, na tradução de Wenceslau Rocés. Em certos casos, a imposição

do idioma do colonizador supriu a necessidade de os colonizados traduzirem *O capital* em sua língua local. Principalmente porque, na maioria das vezes, as regiões colonizadas eram multinacionais, dotadas de povos e idiomas tão diversos que a adoção de um deles como padrão lingüístico causaria mais problemas do que

soluções, ao contrário do que ocorreu nas várias línguas das jovens nações do Leste Europeu no século XIX. Búlgaro, húngaro, letão, lituano, ucraniano, finlandês, etc. eram combinações de vários dialetos ou a escolha de um deles como língua oficial. Esse nacionalismo “lingüístico” tinha mais dificuldade de se afirmar na segunda metade do século XX. Na Índia, onde *O capital* podia ser lido em inglês pela elite alfabetizada, não haveria muito problema em traduzi-lo para o hindi ou outra língua local. O hindi é a língua literária derivada do sânscrito, falada mais ao norte, embora o país permaneça para todos os efeitos falando ou escrevendo em inglês. Mesmo assim, *O capital* só foi traduzido ao hindi em 1965, quando já havia sido traduzido alguns anos antes ao marata (1953), uma língua confinada à parte meridional do país.

A Rússia soviética foi a base da maior expansão do marxismo na história.

A segunda razão para a expansão das traduções de Marx foi o policentrismo do movimento comunista. Depois da Segunda Guerra Mundial, como observamos, e no bojo da descolonização, também a África (a África do Sul já conhecera edições mais antigas de Marx e até de Lênin e Trótski) e o restante dos países tornaram-se influenciados pelo movimento comunista internacional. Primeiro o soviético (na União Soviética tentou-se publicar as obras completas de Marx e Engels, a *Mega-Marx/Engels Historisch Kritische Gesamtausgabe*). Depois também o chinês e a vertente cubana. Desde então, o movimento comunista de inspiração soviética, hegemônico até o “cisma chinês” (1961), passou a conviver com vários centros de difusão do marxismo. É também um período de maior avanço de estudos marxistas acadêmicos, desvinculados da prática partidária.

As edições “autorizadas” foram feitas também nas “Edições em línguas estrangeiras” de Pequim. E uma esquerda bastante variada concorreu com os partidos comunistas. Nessa etapa, a incidência da social-democracia desapareceu por completo, à medida que ela abandonou qualquer referência oficial no marxismo. Novas traduções concorreram com as antigas. Na língua espanhola, depois da tradução pioneira de Manoel Pedroso (1931) e a de Wenceslau Rocés, feita nos anos 1940, aparecia agora a tradução de Pedro Scaron. Na língua francesa, depois da tradução já referida feita sob supervisão do próprio Marx (ela foi reeditada em 1948-1950 pelas Editions Sociales, três tomos) houve uma segunda tradução (a primeira dos três tomos), por J. Molitor nos anos 1920 pelo editor Costes. Também veio a lume na época a *Histoires des doctrines économiques*, 1924-1925, oito volumes in-16, traduzida pelo mesmo J. Molitor. Nos anos 1950 as Editions Sociales publicaram nova edição de *O capital* (tradução de Erna Cogniot). Foi também entre 1952 e 1956 que uma tradução completa dos três tomos foi feita na Itália (Editori Riuniti). Nos anos 1960, textos econômicos de Marx receberam tradução de Maximilien Rubel e Roger Dangeville, além de outros. No caso brasileiro, foi só nessa conjuntura que a edição dos quatro livros mais completos (por enquanto) da *economia* de Karl Marx foi traduzido: a partir de fins dos anos 1960 foi editada pela Civilização Brasileira a tradução de Reginaldo Sant’anna. Ele também traduziria anos depois as *Teorias da mais-valia*. A partir de 1983 *O*

capital conheceu uma segunda tradução brasileira por Flavio Kothe e Regis Barbosa sob a supervisão de Paul Singer.⁵⁸ Em Portugal, os textos econômicos de Marx circularam nas edições promovidas em conjunto pela Editora Avante (do Partido Comunista Português) e pela Editora Progresso (Moscou).

INÉDITOS

Pode-se acrescentar, ainda, que uma parte da difusão dos novos textos de Marx (entre eles as partes não incluídas em *O capital*, mas que faziam parte dos rascunhos da obra) só foi possível porque o marxismo adquiriu respeitabilidade acadêmica. Os principais editores ou tradutores de Marx na Europa ocidental eram acadêmicos (Tom Botto-more, Maximilien Rubel, p. ex.) e o mesmo se pode dizer dos maiores teóricos marxistas dos anos 1960 (Althusser, Lefebvre, etc.). Eles foram os responsáveis direta ou indiretamente pelas traduções ou pela difusão do marxismo a partir dos anos 1960 e 1970. Foi o caso do *Capítulo VI inédito*, que só foi conhecido em italiano em 1969 (Florença, La Nuova Italia), com uma introdução de Bruno Maffi. Essa tradução italiana serviu de base à tradução portuguesa (Porto, Escorpião, 1975). Mas antes desta, o livro foi traduzido ainda na primeira metade dos anos 1970 para o espanhol por Pedro Scaron (século XXI), e para o francês por Roger Dangeville (Paris, Union Generale D'Édition, 1971). A edição alemã havia saído em Frankfurt (Verlag Neue Kritik, 1969). Nesse caso, a tradução inglesa foi curiosamente a mais tardia (1976).

Os textos inéditos de Marx e Engels (ou de alguns que haviam conhecido edições muito limitadas nos anos 1930, como os *Manuscritos de Paris*, *A ideologia alemã*, o *Capítulo VI inédito de O capital*, e os *Grundrisse*) só se tornaram “públicos” de fato quando foram traduzidos para as principais línguas da Europa Ocidental (além do alemão). É certo que Berlim Oriental tornou-se a partir dos anos 1950 um novo centro editorial das obras de Marx e Engels, mas a iniciativa já estava bem menos voltada para a prática partidária exterior. Era o período da Guerra Fria e da coexistência pacífica, em que o marxismo militante caía cada vez mais nos braços de uma esquerda desvinculada dos partidos comunistas tradicionais ou de movimentos de libertação nacional no Terceiro Mundo. As edições de divulgação do marxismo (e do leninismo)

eram feitas ainda na União Soviética (pela Editora Progresso ou por suas congêneres de partidos comunistas). As obras completas de Lênin foram traduzidas em diversos idiomas, incluindo o espanhol (mas não o português). Mas as *Werke* (Obras) de Marx e Engels ficaram sob a responsabilidade da Editora Dietz de Berlim Oriental. Em 1956 começou uma nova edição das obras completas na República Democrática Alemã (MEW-Marx Engels Werke).

A edição dos inéditos de Marx (uma parte deles ainda adormece nos arquivos de Amsterdã), remete ao problema de se saber se a “economia” de Karl Marx é um projeto acabado. Voltamos ao início. Embora, para efeitos de uma história editorial, tenhamos que nos conter diante dos três tomos de *O capital* (conforme Engels o editou), sabe-se que aquilo que o autor pôde escrever ainda hoje não foi inteiramente publicado. A história editorial das obras de Marx, ainda por ser feita, provavelmente revelará a inadaptação de uma vulgata marxista que pretendeu considerar a obra terminada, portanto, cristalizá-la numa “ciência” ou numa “dogmática”. Essa “ciência econômica” seria chamada de “economia política marxista”. Dela se derivaria uma “política econômica marxista”, aplicada aos problemas que os países socialistas enfrentaram no século XX. Infelizmente, Karl Marx nunca pretendeu escrever tal “economia política marxista”, nem mesmo prendeu-se àquele âmbito que os acadêmicos considerariam ser domínio da ciência econômica atual. Embora muito se tenha escrito de positivo sobre os problemas concretos da transição socialista, esse não foi um tema do qual Marx tivesse convenientemente tratado. De toda maneira, esse tema jamais fez parte de seu plano original ou do plano modificado de *O capital*. Encontramos algumas indicações acerca de temas que não foram aprofundados em *O capital* nos famosos *Elementos fundamentais para a crítica da economia política* (*Grundrisse*), escritos em 1857-1858. Mas eles só foram editados na União Soviética em 1939-1941 (dois volumes). Depois da Segunda Guerra Mundial saíram as edições alemã (1953, um volume), francesa (1967-1968), inglesa (1971), norte-

A segunda razão para a expansão das traduções de Marx foi o policentrismo do movimento comunista.

“O terceiro tomo de *O capital* é seguramente, do ponto de vista científico, o ponto final da crítica do capitalismo”.

americana (1973) e a tradução espanhola (1972). O texto permaneceu inédito em português, salvo trechos publicados aqui e acolá (como a tradução das *Formen*, a partir da versão inglesa de Eric Hobsbawm).⁵⁹ Nos anos 1960, boa parte do material já havia saído nas *Oeuvres* por Maximilien Rubel, e trechos já haviam sido publicados na Inglaterra e alhures. Suas sucessivas edições provocaram novas abordagens sobre o pensamento de Marx. Temas como o do avanço tecnológico encontraram guarida nas novas leituras desses esboços ou rascunhos do autor. Mas no fundamental não se modificou muito a visão que tínhamos dos principais problemas estudados por ele.

NOVA CONJUNTURA

O fim da União Soviética, ou para efeitos simbólicos a queda do muro de Berlim (1989), pôs fim à quarta conjuntura (o policentrismo). O efeito direto disso na edição dos textos de Marx foi o abandono da nova edição das *Werke* que havia sido recomeçada em 1977 em Berlim Oriental.⁶⁰ Atualmente, não há mais nenhum centro importante de irradiação do pensamento de Marx. Ao policentrismo da quarta conjuntura sucedeu-se uma pluralidade sem destaque para qualquer número limitado de centros.

O que esse esboço de história editorial dos textos econômicos de Marx demonstra? Em primeiro lugar, um movimento; em segundo, um ritmo; e, em terceiro, as bases desse movimento, da expansão e do ritmo das publicações. Todas essas conclusões têm significados políticos, gostemos ou não deles.

O movimento editorial nasceu na Europa Ocidental (na época da Primeira Internacional) e se expandiu primeiramente ao Leste Europeu (lentamente, até a Revolução Russa) e, bem depois, ao sul da Europa, ao seu extremo norte e à América (com exceção do norte). Desde então, foi no Leste Europeu que surgiram mais edições de *O capital*. As razões disso residiram no crescimento do poder

soviético e dos partidos comunistas. No caso da América Latina e do sul da Europa, há que se observar que nessas áreas o marxismo concorria com as várias formas de anarquismo, conforme citei anteriormente.

O movimento teve um *ritmo*: em 1895, ano da morte de Engels, *O capital* estava quase circunscrito à Europa Ocidental. Havia sido editado em nove idiomas e em 32 edições. Depois disso, o livro teve só na Alemanha uma miríade de edições, conforme já citei anteriormente. Depois, o ritmo acelerou-se abruptamente com as edições dos países do bloco socialista: desde 1917 até 1967, houve 167 edições com uma tiragem total de 6.037.000 em dezoito idiomas.⁶¹ Enquanto isso, o “movimento alemão” encerrou-se em 1933, com a proibição da obra. A volta das edições alemãs alude à terceira conclusão: a base do movimento e do ritmo. Essa base, como já se pôde notar, foi a existência de um poder de Estado. Desde a Segunda Guerra Mundial até 1967, a editora Dietz, de Berlim Oriental, imprimiu mais de 300 mil cópias de *O capital*. Entre 1932 (ano da última edição alemã antes da Segunda Guerra) e 1967, só uma edição apareceu em território ocidental na língua alemã (Frankfurt, Europäische Verlagsanstalt).⁶²

O capital só não contou com um poder estabelecido nos primeiros anos de sua publicação, quando dependeu mais da autoridade científica de Marx e dos poucos movimentos operários intermitentes. Mas desde que o Partido Social-Democrata Alemão iniciou sua ascensão, o destino da obra esteve vinculado a sua posição de vanguarda teórica e editorial na Europa. E nessa fase o livro a muito custo chegou às áreas periféricas. Depois da consolidação do poder soviético nos anos 1920, *O capital* teve seu destino editorial vinculado prioritariamente à União Soviética e, a partir dos anos 1950, também à República Democrática Alemã. Tanto o ritmo quanto a base se enfraqueceram a partir dos anos 1970 e perderam vigor definitivamente em 1989. Desde então, as reedições (poucas) que apareceram nos anos 1990 (uma delas no Brasil, pela Editora Guanabara) obedeceram mais à demanda acadêmica, e a dos meios de elite cultural e econômica, onde Marx passou a ser visto como um teórico indispensável para se entender a globalização. Como no princípio,

a obra vive por si só, com poucos movimentos e partidos dispostos a editá-la.

CONCLUSÃO

Certamente não se pode dizer que a edição da “economia” de Marx foi terminada, dados os rascunhos e variantes que ainda adormecem nos arquivos. Mas, se é verdade que é de vital importância teórica a publicação de eventuais textos inéditos de Marx, provavelmente isso pouco mudará nossa compreensão do marxismo. A circulação da edição que Engels considerou definitiva de *O capital* (em três tomos) revela dois fatos: *O capital* foi mais conhecido na forma de resumos do Livro I (e os resumos de Gabriel Deville e de Carlo Cafiero foram os mais difundidos nos países de línguas latinas). Em segundo lugar, *O capital* foi mais conhecido (mesmo por teóricos e leitores bastante cultivados) na forma do seu Livro I, ao menos fora da Alemanha.

O Livro II e o Livro III não tiveram difusão tão ampla quanto o primeiro. Rosa Luxemburgo o disse claramente: “O terceiro tomo de *O capital* é seguramente, do ponto de vista científico, o ponto final da crítica do capitalismo”. Por isso ela lamentou que o terceiro tomo de *O capital* fosse “um capítulo cuja leitura não foi abordada pelo socialismo”.⁶³ De fato, como uma crítica *in flux* do capitalismo, a obra de Marx nunca poderia (se é que se pretendeu alguma vez) ter chegado a um final. Como disse Maximilien Rubel, *O capital* é um fragmento de uma obra de crítica coletiva que só terminará com a ruína completa do sistema submetido a sua análise.

NOTAS

- ¹ Este artigo contou com a inestimável ajuda de Maria Teresa Catania e Guido Liguori, que me enviaram informações da Itália. Edgard Carone leu o esboço inicial. Marcos Del Roio, Marisa Deaecto, Osvaldo Coggiola e Marianne Reiszewitz forneceram-me valiosas sugestões.
- ² K. Marx, *Teorias da mais-valia* (2ª ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987), p. 137.
- ³ Eric Hobsbawm (org.), “A fortuna das edições de Marx e Engels”, em *História do marxismo*, vol. I (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983), p. 428.
- ⁴ Eric Hobsbawm (org.), “A cultura européia e o marxismo entre o século XIX e o XX”, em *História do marxismo*, cit., vol. II, p. 101.
- ⁵ Franco Andreucci, “A difusão e a vulgarização do marxismo”, em Eric Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, cit., vol. II, pp. 15-73.

- ⁶ Eric Hobsbawm, *Nações e nacionalismos desde 1780* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998), pp. 76-77.
- ⁷ Robert Escarpit, *La révolution du livre* (2ª ed. Paris: Unesco, 1969), p. 23.
- ⁸ Cf. F. Mehring, *Carlos Marx* (Madri: Cenit, 1932), p. 60.
- ⁹ Ecléa Bosi, *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias* (4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978), p. 61.
- ¹⁰ Alberto Manguel, *Uma história da leitura* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), p. 167.
- ¹¹ Eric Hobsbawm, *A era do capital* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988), p. 216.
- ¹² *Ibid.*, pp. 272-273.
- ¹³ Seria editada somente em 1932 na antiga União Soviética. K. Marx, *Teorias da mais-valia*, cit., p. 274.
- ¹⁴ Cf. F. Engels, “Karl Marx”, em David Riazanov (org.), *Karl Marx como homem, pensador y revolucionario* (Paris/Buenos Aires: Ediciones Europa-América, s/d.), p. 18.
- ¹⁵ Cf. E. Carone, *O marxismo no Brasil* (Rio de Janeiro: Dois pontos, 1986), pp. 15-16.
- ¹⁶ Bert Andréas, *Le manifeste communiste de Marx et Engels. Histoire et bibliographie 1848-1918* (Milano: Feltrinelli, 1963). Com um fac-símile da primeira edição alemã.
- ¹⁷ Eric Hobsbawm, “Introdução”, em K. Marx, *Formações econômicas pré-capitalistas* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991), p. 20.
- ¹⁸ L. Althusser & E. Balibar, *Para leer El capital* (México: Siglo XXI, 1990), p. 36.
- ¹⁹ “No que diz respeito aos últimos livros, nossa pesquisa sugere a conclusão de que eles nunca foram abandonados na realidade, ou seja, que os temas inclusos dentro de seu âmbito nunca foram totalmente assimilados pela segunda estrutura da obra e que, no fundo, ficaram reservados ao eventual prosseguimento da mesma”, cf. Roman Rosdolski, *Génesis y estructura de El capital de Marx (estudios sobre los Grundrisse)* (México: Siglo XXI, 1989), p. 50.
- ²⁰ K. Marx & F. Engels, *Cartas sobre El capital* (Havana: Política, 1983), p.134. A carta é de 28 de dezembro de 1862.
- ²¹ *Ibid.*, p. 159.
- ²² David McLellan, *Karl Marx: vida e pensamento* (Petrópolis: Vozes, 1990), p. 445.
- ²³ Saul K. Padover, *Karl Marx: an Intimate Biography* (Nova York: New American Library, 1980), p. 216.
- ²⁴ K. Marx & F. Engels, *Obras escolhidas* (Lisboa: Avante, 1982), p. 485.
- ²⁵ Poeta, foi comerciante, funcionário de um banco em Amsterdã e na cidade natal de Engels: Barmen.
- ²⁶ Cf. Maximilien Rubel, *Bibliographie des oeuvres de Karl Marx avec en appendice un Répertoire des oeuvres de Friedrich Engels* (Paris: Librairie Marcel Rivière, 1956).
- ²⁷ Saul K. Padover, *Karl Marx: an Intimate Biography*, cit., p. 212.
- ²⁸ K. Marx & F. Engels, *Obras escolhidas*, cit., pp. 159-166.
- ²⁹ J. B. Schweitzer (1833-1875) era diretor do jornal *Social-Democrata*, que saía três vezes por semana.
- ³⁰ Dietzgen era um autodidata que foi considerado por Marx alguém que chegou a conclusões semelhantes às suas por vias próprias.
- ³¹ Saul K. Padover, *Karl Marx: an Intimate Biography*, cit., pp. 214-215.
- ³² K. Marx, *O 18 brumário e Cartas a Kugelmann* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969), p. 210.

- ³³ Vários autores, *Karl Marx. Biografia* (Lisboa: Avante, 1983), p. 431.
- ³⁴ G. Haupt, "Marx e o marxismo", Eric Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, cit., vol., pp. 359-360.
- ³⁵ Cf. M. Rubel, "Chronologie", em K. Marx, *Oeuvres*, vol. I (Paris: Gallimard, 1965), p. CLXI.
- ³⁶ C. Marx, & F. Engels, *Cartas sobre El capital*, cit., p. 276.
- ³⁷ Apud Eric Hobsbawm, "O Dr. Marx e seus críticos vitorianos", em *Os trabalhadores. Estudos sobre a história do operariado* (2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000), p. 286.
- ³⁸ Eric Hobsbawm, "Introdução ao Manifesto comunista", em *Sobre história* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998), p. 295.
- ³⁹ K. Marx & F. Engels, *Cartas sobre El capital*, cit., p. 273.
- ⁴⁰ *Ibid.*, p. 275.
- ⁴¹ Cf. Andrzej Walicki, "O marxismo polonês entre os séculos XIX e XX", em Eric Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, vol. III (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984), p. 295.
- ⁴² M. Rubel, "Chronologie", cit., p. CLXIX.
- ⁴³ Saul K. Padover, *Karl Marx: an Intimate Biography*, cit., p. 219.
- ⁴⁴ M. Rubel, "Chronologie", cit., p. CLXIX.
- ⁴⁵ J. F. Bell, *História do pensamento econômico* (Rio de Janeiro: Zahar, 1982), p. 338.
- ⁴⁶ Em 1897 o Partido Social-Democrata tornou-se sócio da editora Dietz. Em 1906 assumiu-a integralmente. Cf. Franco Andreucci, "A difusão e a vulgarização do marxismo", cit., p. 56.
- ⁴⁷ Cf. Enrique Dussel, "As quatro redações de *O capital* (1867-1880)", em *Ad Hominem*, tomo I, São Paulo, 1999, p. 145.
- ⁴⁸ Esse debate foi coligido por L. Colletti (org.), *El marxismo y el derrumbe del capitalismo* (México: Siglo XXI, 1978).
- ⁴⁹ "Alcuni dati sulla fortuna del Capitale", em *Critica Marxista*, 5 (6), nov-dez. de 1967, p. 194.
- ⁵⁰ Embora exista ainda hoje, a Internacional Socialista delimitou uma única conjuntura em que sua influência foi predominante no movimento operário: 1889-1914; ver Edgard Carone, *A II Internacional pelos seus congressos (1889-1914)* (São Paulo: Anita/Edusp, 1993).
- ⁵¹ Tom Bottomore (ed.), *Dicionário do pensamento marxista* (Rio de Janeiro: Zahar, 1988), p. 408.
- ⁵² Cf. Eric Hobsbawm (org.), "A cultura européia e o marxismo entre o século XIX e o XX", em *História do marxismo* cit., vol II, p. 100.
- ⁵³ Branco Lazitch, *Les partis communistes d'Europe 1919-1955* (Paris: Les Iles d'Or, 1956), p. 79.
- ⁵⁴ Tom Bottomore (ed.), *Dicionário do pensamento marxista*, cit., p. 116. Sabemos como os japoneses desenvolveram uma notável escola de economistas marxistas.
- ⁵⁵ Nelson Mandela deixou um testemunho de sua relação com os comunistas e das leituras que se sentiu obrigado a fazer: "Apesar de estimulado pelo *Manifesto comunista*, fiquei exausto com *O capital*"; N. Mandela, *Longo caminho para a liberdade* (São Paulo: Siciliano, 1995), p. 104.
- ⁵⁶ Apud E. Carone, *O marxismo no Brasil*, cit., pp. 114-115.
- ⁵⁷ Cf. "Alcuni dati sulla fortuna del Capitale", em *Critica marxista*, cit., p. 194.
- ⁵⁸ Embora *O capital* jamais tivesse uma incidência sobre um público amplo, não deixa de ser curioso que a Polícia Federal tenha tentado proibir seu uso em escolas secundárias da Paraíba. Cf. *O Estado de S. Paulo*, 1º-6-1988.
- ⁵⁹ Trata-se de parte do material constitutivo dos *Grundrisse*, conhecido como *Formações que precedem à produção capitalista*.
- ⁶⁰ Ver Emir Sader (org.), *Karl Marx* (Série Bibliografia) (São Paulo: USP/FFLCH, 1995), p. IX.
- ⁶¹ "Alcuni dati sulla fortuna del Capitale", em *Critica marxista* cit., p. 193.
- ⁶² *Ibidem*.
- ⁶³ Rosa Luxemburgo, "Altos e progresos del marxismo", em D. Riazanov, *Karl Marx como hombre, pensador y revolucionario*, cit., p. 76.